

APRESENTAÇÃO

No ano em que completa seu 21º aniversário, a Revista da FAEEBA oferece ao público esta edição de número 39, dedicada à interface de Educação e Filosofia, justo quando tramita o projeto de criação do Curso de Graduação em Filosofia no Campus I da UNEB, com o que a nossa Universidade afinal se junta às outras quatro universidades públicas baianas que já dão abrigo à Coruja em seus domínios.

Além de pôr fim a uma decisão arbitrária perpetrada pelo Regime Militar, a retomada da obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio nos anos 2000, aliada à franca expansão da abertura de cursos universitários de Filosofia em instituições públicas e privadas, sinaliza para a sociedade brasileira a possibilidade de uma virada histórica, caso a oportunidade seja bem aproveitada.

Com efeito, mais do que prover um amplo repertório de matrizes conceituais que estão na base da construção das ciências nas mais diversas áreas – o que não é pouco –, a Filosofia compromete o educando de todos os níveis com uma exigência epistemológica irrecusável: a de submeter o conjunto de seus saberes a uma profunda apropriação reflexiva e rigorosa justificação argumentativa. Sem esse apurado crivo reflexivo, o cabedal informativo a que se tem acesso pode vir a depositar-se na zona morta das falsas certezas e das “meias verdades”, ensejando a indesejada proliferação de sujeitos institucionalmente capitalizados e pedagogicamente mal formados. Nesse sentido de *educação do pensar e para o pensar*, a Filosofia é não somente condição propedêutica da Educação, mas garantia de seu próprio escopo. Nesses tempos em que as instituições de ensino são pressionadas a se converterem em bancos de dados a serviço de demandas mercadológicas, tal exigência inscrita no labor filosófico transcende sua relevância educacional e ganha status de imperativo civilizatório.

Os artigos reunidos nesta edição foram selecionados de um conjunto de textos enviados – cujo volume, aliás, cresce a cada nova edição –, a partir da avaliação de especialistas de acordo com os cuidadosos critérios que pautam a Revista.

O primeiro artigo, intitulado “Entre a Educação e a Filosofia: aspectos históricos da Filosofia da Educação como disciplina acadêmica e campo de investigação”, de autoria de Fernanda Antônia Barbosa da Mota, objetiva mostrar que a Filosofia da Educação, como disciplina e campo investigativo, tem sua história perpassada pelo entrecruzamento das áreas da Educação e da Filosofia, asseverando a relevância da investigação dessa temática em âmbito acadêmico.

No artigo “Natureza da Educação e Filosofia da Educação”, a autora Maria Judith Sucupira da Costa Lins focaliza o problema da natureza da Educação e sua relação com a Filosofia da Educação. Reflete sobre o sentido do fenômeno educacional a fim de entender o conceito de educação e, a partir daí, estabelecer o campo epistemológico da Filosofia da Educação. Para a autora, entender a natureza da educação é importante para os que estão comprometidos com o desenvolvimento de pessoas face aos desafios de construir um mundo novo.

Em “Educação e Filosofia: o filosofar como atividade formativa transdisciplinar na Educação Básica – considerações polilógicas”, de Dante Augusto Galeffi, discute-se a relação entre Educação e Filosofia a partir da implicação decorrente do retorno obrigatório da Filosofia ao Ensino Médio nacional, tendo em vista o crescente interesse

pela Filosofia em todos os níveis da Educação Básica, pelo reconhecimento de que se trata de uma atividade de pensamento dialógico fundamental para o desenvolvimento humano saudável e criador.

Segundo a autora Izilda Johanson, no artigo “Filosofia, filósofo, professor de Filosofia”, o exercício da docência em Filosofia traz implícita uma compreensão prévia sobre o próprio sentido do filosofar. Isto significa que a referência ao “ensino de Filosofia” já compreende a necessidade de enfrentar questões próprias à atividade filosófica, tais como: “Por que Filosofia?” e “Em que consiste a Filosofia?”.

O artigo seguinte, intitulado “O duplo aspecto da Educação: via de constituição do estranhamento ou de sua superação mediada pela Ética”, de Fátima Maria Nobre Lopes, aborda a posição do filósofo húngaro György Lukács acerca da centralidade do trabalho e do seu caráter teleológico, evidenciando a gênese ontológica da Educação como formação humana e o seu desenvolvimento no âmbito das teleologias secundárias por meio das quais pode ocorrer a constituição e/ou a superação de estranhamentos.

Dando destaque a outro importante nome da História da Filosofia, em “A Educação entre o singular e o coletivo a partir da *Crítica da Razão Dialética* de Sartre”, o articulista Cássio Donizete Marques mostra que a Educação, como formação do ser humano, permite vivenciar, na dialética da história, a relação entre o individual e o coletivo, constituindo-se na plena liberdade do sujeito que constrói seu projeto em meio a uma dada situação.

No artigo “Emmanuel Levinas: Educação e interpelação ética”, o autor Antônio Sidekum apresenta subsídios filosóficos para o campo educacional a partir do pensador judeu lituano Levinas, o qual descerra novos horizontes na reconstrução de utopias para a História contemporânea, ao pôr em questão o caráter egolátrico da subjetividade moderna que tem o seu fundamento no *cogito* cartesiano e chega ao máximo idealismo monológico em Kant.

Em seu artigo sugestivamente intitulado “O ato de caminhar e a Educação: a propósito dos 300 anos de nascimento de Rousseau”, Jordi Garcia Farrero foca as bucólicas perambulações do filósofo genebrino como metáfora de um modo de pensar e existir à margem do racionalismo hegemônico em seu tempo. Por extensão, realiza uma reflexão sobre a tendência educativa que surgiu em fins do século XIX – o neonomadismo pedagógico –, já que a ação pedestre de Rousseau, que podia ser concebida como excursão, é um claro antecedente do Romantismo pedagógico.

O autor Jorge Miranda de Almeida, em “A Educação como Ética e a Ética como Educação em Kierkegaard e Paulo Freire”, estabelece um confronto/encontro entre estes dois pensadores do profundo do humano. Em suas respectivas épocas, ambos se posicionaram criticamente em relação às concepções vigentes de Educação e Ética, postas a serviço do poder e do ajustamento social, mas será justamente a partir de Educação e Ética que, para estes pensadores, os seres humanos em processo de inconclusividade poderão construir estratégias para superarem as barreiras que impedem a sua realização.

Revisitando as matrizes filosóficas gregas no artigo “O não saber socrático e a Educação: o desafio de aprender a pensar”, Giorgio Borghi analisa o problema do tipo de saber que está em jogo na educação, refletindo sobre o sentido do não saber socrático que se contrapõe ao saber tradicional da *pólis* e ao novo saber dos sofistas. Considerando a relação entre saber e pensar, o autor se concentra no diálogo platônico *Apologia de Sócrates*, em que encontra a primeira tematização do conflito entre a visão tradicional e a visão filosófica da Educação.

A seguir, o artigo “La Filosofía y la Cultura ante la globalización”, de Alejandro Serrano Caldera, aprofunda a crise de valores e o risco à pluralidade cultural trazidos com a globalização, sob cuja imposição os Estados-Nações viram correias de transmissão de uma só vontade de dominação. Diante disso, segundo o autor, a Filosofia deve contribuir para construir uma ética dos valores, fundada numa racionalidade moral e conceitual que substitua a racionalidade instrumental.

Apoiado em contribuições teóricas de Vilém Flusser, no artigo “Desatando a imaginação: breves notas sobre Ética e Crítica no mundo contemporâneo”, Roberto Bartholo Jr. discute o lugar do diálogo e do discurso no mundo contemporâneo e destaca implicações da programação e da produção de imagens técnicas para os modos hegemônicos de organização da cultura e exercício de dominação. Por fim, aponta desafios confrontados para as instituições acadêmicas contemporâneas, particularmente, as universidades.

Renato Huarte Cuéllar, no artigo intitulado “Identidad y Educación”, parte de uma definição filosófica de identidade para entender como o ser humano, eminentemente social, se vincula a processos educativos e de transmissão que dependem de cada grupo em seu respectivo contexto, numa complexa trama que vai do individual ao coletivo e vice-versa. Com base nisso, tenta entender o processo educativo dos *tlamatimines* ou sábios nahuas no México Tenochtitlan anterior à Conquista, investigando sua contribuição para repensar a educação no século XXI.

“A escola e os sete saberes: reflexões para avanços inovadores no processo educativo”, dos autores Ricardo Antunes de Sá, Sonia Maria Marchioratto Carneiro e Araci Asinelli da Luz, objetiva trazer contribuições aos educadores quanto aos processos de ensino e aprendizagem na escola, com base no pensamento complexo de Edgar Morin e considerando as discussões da Conferência Internacional “Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Presente”, realizada em setembro de 2010, em Fortaleza (CE).

No artigo “Filosofia para crianças: apontamentos reflexivos”, a dupla de autores Alvino Moser e Daniel Soczek desenvolve considerações sobre o ensino de Filosofia para crianças, partindo do pressuposto de que o filosofar é uma atividade própria do ser humano, mas poucos são os alunos de Ensino Médio e Superior que, de fato, se interessam pelas aulas de Filosofia que são obrigados a cursar. A hipótese dos autores é de que a postura filosófica dos alunos lhes é subtraída devido a processos educacionais que os limitam à perspectiva instrumental da cultura de massas.

O autor Fumikazu Saito, em “‘Continuidade’ e ‘descontinuidade’: o processo da construção do conhecimento científico na História da Ciência”, toma distância de enfoques formalistas e propõe uma abordagem contextualizada do ensino de ciências, pautada em tendências historiográficas mais atualizadas, dando especial atenção ao contexto cultural em que surgem as ciências, segundo os estudos das epistemologias de Bachelard e de Kuhn.

Em “A importância do ensino de Ciências da Natureza integrado à História da Ciência e à Filosofia da Ciência: uma abordagem contextual”, Adailton Ferreira dos Santos e Elisa Cristina Oliosi refletem sobre o ensino de ciências da natureza, na perspectiva de uma abordagem contextual, a fim de compreender melhor a relação entre ciência e sociedade. Tal abordagem do ensino tem sido recomendada por organização internacional, pela legislação brasileira e por pesquisadores que defendem outro tipo de ensino na sociedade contemporânea, globalizada e tecnológica. Assim, almeja-se que o ensino das ciências da natureza possibilite a compreensão da atividade científica e, por sua vez, contribua para superação das ideias distorcidas sobre as ciências.

O artigo “O pensamento fecundo: elementos para uma racionalidade *transmoderna*”, de Luciano Costa Santos, apresenta o paradigma da *transmodernidade*, que consiste na reapropriação do legado científico e crítico da racionalidade moderna a partir da revisita a fontes hermenêuticas por esta relegadas. Tais fontes – a exemplo de transcendência, alteridade e tradição – propiciam uma fecundidade de sentido que a razão crítica não pode produzir por si mesma, e constituem uma reserva sapiencial ante o dissolvente pragmatismo pós-moderno que tanto afeta a área educacional.

A seção “Estudos” apresenta dois artigos. No primeiro deles, intitulado “A transformação do *ethos* no Oeste de Santa Catarina”, os autores Anderson Luiz Tedesco e Paulino Eidt têm como objetivo compreender as transformações societárias – especialmente no campo educacional – decorrentes da sociedade de consumo e dos demais processos verticalizadores da globalização no espaço regional do Oeste de Santa Catarina.

Com base no método “instrumental cultural” de Vygotsky, o artigo “O processo de formação de conceitos na perspectiva vygotskyana”, das autoras Cristiane Regina Xavier Fonseca-Janes e Elieuzza Aparecida de Lima, analisa a constituição da natureza social do homem a partir de processos de apropriação e objetivação de conhecimentos, que tornam individuais as conquistas historicamente construídas pela humanidade, dentre as quais a do pensamento conceitual.

Este número traz ainda dois resumos de pesquisas monográficas, o primeiro de tese e o segundo de dissertação. O resumo de tese, elaborado por Ana Sueli Teixeira de Pinho, refere-se à pesquisa intitulada “O tempo escolar e o encontro com o outro: do ritmo à simultaneidade. O resumo de dissertação, de autoria de Mariana Martins de Meireles, apresenta a síntese do trabalho intitulado “Macabéas às avessas: trajetórias de professoras de geografia da cidade na roça - narrativa sobre docência e escolas rurais”.

Agradecemos aos que enviaram seus artigos – publicados ou não –, bem como aos pareceristas e demais colaboradores que ajudaram a trazer esta edição à luz. Aos leitores e aos comprometidos com a formação educacional, esperamos que os textos que seguem os estimulem a cultivar com cada vez mais denodo o exercício do filosofar, entendido como exigência radical de sentido que contribui para desconstruir falsas certezas, destituir poderes ilegítimos e favorecer o advento do que realmente precisa nascer.

Adailton Ferreira Santos
Luciano Costa Santos